

Experiências de formação transgressora: escrevivências inspiradas em hooks, Krenak e Spinoza

*Transgressive formation experiences:
Escrevivências inspired by hooks, Krenak and Spinoza*

Dnda. Nilceia Nascimento de Figueiredo - PPGBIOS (Pós graduação em Bioética, Ética Aplica e Saúde Coletiva)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4817-4387>

E-mail: nnfigueiredo@uol.com.br

Recebido em: 15/04/2023

Aceito em: 19/06/2023

RESUMO

A premissa *hookisiana* (hooks, 2013) propõe uma pedagogia crítica, que abarca experiência, confissões e testemunhos como dimensões para o aprendizado. Esse texto é uma teia escreviente, urdida por dois encontros com estudantes de pós-graduação, e iniciação científica. O modo contínuo que me tenho posto à prova, é articular conteúdos de pensadores propostos pelas disciplinas da pós-graduação onde sou aprendiz, e a práxis cotidiana, onde sou ensinante/aprendente. Considero esse o exercício da “potência” de uma pedagogia engajada, por uma ciência inclusiva, apreendida em constante desconstrução do paradigma universal. Uma ciência Amefricana, constituída por uma bio-ética Afropindorâmica.

Palavras Chaves: escrevivências; atividades formativas; conhecimentos; subjetividades

ABSTRACT

The hookisian premise (hooks, 2013) proposes a critical pedagogy, which encompasses experience, confessions and testimonies as dimensions for learning. This text is a writing web, woven by two meetings with graduate students, and scientific initiation. The continuous way I have put myself to the test is to articulate contents of thinkers proposed by the graduate degree disciplines where I am a learner, and everyday praxis, where I am a teacher/learner. I consider this the exercise of the “power” of an engaged pedagogy, for an inclusive science, apprehended in constant deconstruction of the universal paradigm. An Amefrican science, constituted by an Afropindoramic bio-ethics.

Keywords: *escrevivências; training activities; knowledge; subjectivities*

Para a Prof.^a Valéria Romano e Prof. André Luís Mendonça, por me darem as mãos e me inserir na roda de suas pedagogias.

Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

Manoel de Barros

Não implicarás com a implicação:

Início esse texto “implicada” com a proposição em (do) Spinoza, onde é gerada a única dissociação do “Explicar-Implicar” (n) a “ideia-inadequada”. Para o filósofo que defende a explicação como um modo implicado em si mesmo, “ideia inadequada é o que envolve a natureza com uma coisa exterior mas não se explica por si, implica nossa potência de compreender, ..., uma mistura de coisas onde falta uma compreensão apoiada nas causas”. (DELEUZE, 1981, p. 81).

Não trato aqui de apenas uma vontade, que na obra de Spinoza é “um esforço referido unicamente à mente”, nem tampouco no desejo “revelando a essência da natureza humana, quando dada no corpo e alma simultaneamente” (CASTRO, 2007, p. 69), mas na simplicidade complexa de um conhecimento em processo aberto de produção e invenção.

Um saber que possa também ser extraído dos sonhos, de uma revelação sobrenatural¹ que se pode descobrir simultaneamente como escuta poética e um tempo de novas alianças firmadas entre histórias de mulheres, dos homens, suas sociedades, de seus saberes e aventura explorada da natureza. (PRIGOGINE; STENGERS, 1984, p. 226)

Se para Spinoza “o que não pertence à ordem correta do intelecto não pode fazer parte do conhecimento verdadeiro” (CASTRO, 2007, p. 71), para Ailton Krenak (2020) “a criação de uma inteligência sutil, movente, permite que a vida em sua diferença coexista e é possível se voltarmos a sonhar porque precisamos acreditar em uma comunhão entre céu e terra”. Segundo Krenak, podemos “suspender o céu cantando e dançando para aliviar a terra do excesso de pressão que oprime os humanos e isso se relaciona com uma outra constelação de saberes”(2020, p. 21).

Já hooks nos convida construir um método pelo testemunho da práxis, ao teorizar sua própria experiência enquanto mulher negra e professora dentro de um sistema educacional patriarcal branco e racista. A educadora que flertou e bebeu da infinita fonte do nosso “educador do povo”, Paulo Freire, incorpora a espiritualidade na sala de aula como uma abertura radical necessária para um crescimento acadêmico e ou intelectual genuíno (2020).

Paulo foi um dos pensadores do qual o trabalho deu-me a linguagem. Ele me fez pensar profundamente sobre a construção de uma identidade na resistência. Gostei quando ele falava sobre a necessidade de verificar na práxis, o que sabemos na consciência. (O homem e seu trabalho. bell hooks, 2013)

Nela o anseio pelo conhecimento é um tatear junta/os/coletivo reconhecendo suas limitações, combinando múltiplas posições e considerando diversos pontos de vistas para reunir um conhecimento de modo pleno e inclusivo. Uma paixão onde é possível reunir “teoria e prática”; onde é possível encontrar um novo lugar de “Eros” dentro de nós, e junta/os, permitir que a mente e o corpo sintam e conheçam o desejo (hooks, 2020).

1 Talvez a invalidação da espiritualidade seja o medo implantado pela colonização por ser uma conexão capaz de reivindicar a identidade. bell hooks aciona a distinção entre espiritualidade e religião feitas por Dalai Lama em seu livro: Uma ética para o novo milênio. Para a autora que vem de um mundo negro segregado, o temor está ligado ao reconhecimento de que há grande possibilidade de reivindicação e mudanças, onde a identidade espiritual seja um lugar de resistência crítica e posicionamento contra a desumanização racista. (hooks, 2021; Lama, 2000)

Para Spinoza, “a paixão são forças que vem de fora, que fazem o corpo padecer, uma resposta aos agenciamentos das afecções causadas por encontros com outros corpos” (SPINOZA, 2008), para hooks, é algo que vem de dentro e que pode ser extinta com uma educação para conformidade e obediência (2020, p. 31). A autora aponta que uma escuta ativa aproxima e pode formar uma comunidade de aprendizagem no ato de partilhar histórias pessoais, e quanto maior diversidade, maior probabilidade de haver níveis e conhecimentos diferentes. Para Sobonfu Somé, que viveu na aldeia de Dagara, na África Ocidental, “crescer é um processo de esquecimento, portanto é preciso tentar não educar nossas crianças longe do espírito” (o que poderíamos definir em hooks como espiritualidade) “para que elas não tenham que despende tanto esforço para se reconectar quando crescerem” (SOMÉ, 2003, p. 34). Somé aponta a desconexão do espírito como uma influência imposta pela colonização nas escolas, para fazer esquecer e perder o respeito às questões que envolvem diretamente a vida, como o relacionamento. Só a conexão é capaz de manter nutrido e vivo o espírito, e isso só é possível em uma comunidade que se possa compartilhar dons e receber dádivas.

Se “a imaginação e ou a espiritualidade vista como perigosa é uma força que possivelmente impede a aquisição de conhecimento” (hooks, 2020), precisamos de um rompimento cotidiano com o que Freire chamou de “cultura do silêncio”. Para o autor essa é uma definição dada à “cultura popular em um mundo desumanizado”, onde os opressores privam as pessoas “de suas próprias linguagens a fim de destruir sua identidade” (LEE, 1966, p. 643). Um silêncio que nos destitui de ouvir e mesmo contar nossas próprias histórias, e que contribuiu para uma desconexão, uma esterilidade imaginativa e espiritual.

Talvez as diferenças sutis que podem fazer parecer similar alguns conceitos, seja o convite ao repensar a “disputa como uma nomeação ao princípio das coisas do mundo” (KRENAK, 2020). Para Krenak as disputas se tornaram “o verbo da vida”, um equívoco causado pelo dano reproduzido por falta de um bom encontro que reconcilie uma perspectiva de entendimento. E, ao contrário desse enquadramento que causou danos irreversíveis às formas de estar no mundo produzido pelo extrativismo colonial, nos convida habitar o mundo ao invés de disputa-lo. Uma conciliação atenta ao que nos pode incluir para além de uma demarcação de território intelectual, na forma em que esses conceitos nos atravessam, tirando de nós a essência de um povo “amefricoladino” em sua resistência plural (ou seria “multidão”?) as respostas postas como únicas e verdadeiras (conhecimento de sua causa – Spinoza). Portanto se “bons encontros” são os que são capazes de favorecer e potencializar (CASTRO, 2007), teríamos que também abarcar uma política de “nhomongueta, oguata porã rã”, que significa na língua guarani, dialogar, conversar entre grupos, caminhar juntos, sem que ao somar os conhecimentos, tenha que oguerova joeko, modificar o mundo do outro (BENITES, 2015).

Se para Spinoza “ao método não cabe a busca, mas a reflexão sobre o que lhe fundamenta”, e “uma opinião estará sempre sujeita ao erro em razão de um ouvir falar” (CASTRO, 2007), como vamos lidar com o aprendizado e construção de conhecimento diante de uma história universal se a própria ciência criou histórias fictícias sobre o ser e saberes de povos originários/dominados, ou domados?

Resgatando dentro de um princípio movente de busca da identidade como resistência, seria possível distinguir como “potência⁴” a própria “ideia inadequada” de um conhecimento que não passa necessariamente pelo intelecto. Uma outra forma interdependente de se constituir teoria e fato, onde possa haver uma bricolagem de ideias complexas dos modos e funcionamentos da vida cotidiana, sem distingui-las em ordem de valor, se falsas ou fictícias. Para hooks (2021), essa possibilidade está centrada em um relacionamento orgânico com o senso crítico, onde simultaneamente é possível juntar “cuidado, compromisso, confiança,

2 Referência ao termo cunhado por MD Magno (1981) e endossado por Lélia Gonzales nos anos 80, referindo-se ao continente formado por influências indígenas, africanas além da ibérica. (GONZALEZ, 1988: 69)

3 Forma subjetiva, constituída de uma multiplicidade heterogênea e não, não unitária, não hierárquica, acentrada e centrífuga. Uma espécie de corpo que se constitui nos próprios poderes e se desenha novas possibilidades de alteridades. (PELBART, 2011)

4 Usarei o conceito de potência referindo a uma ação gerada pelo exercício da liberdade. “Ser livre é o homem poder ter sua vida produzida por forças que vêm de dentro. Forças que vêm de dentro é o que Nietzsche chama de “vontade de potência”. Spinoza está dizendo que a liberdade só se dá se forças que vierem de dentro constituírem a sua vida. Só há liberdade se sua vida for produzida por você mesmo, aquele que pode produzir sua própria natureza. (ULPIANO, 2014)

responsabilidade, respeito e conhecimento”. Ela propõe como metodologia, a “prática da ética do amor”. Provavelmente um desdobramento da apropriação do método freiriano reconhecendo que somente no “processo de conhecimento do mundo onde os sujeitos estão situados, é possível alcançar liberdade como prática constituída na e pela teoria” (MARIZ, 2021).

Desde estudante da graduação em saúde, tenho o bom privilégio de um refúgio humanizado; uma iniciação científica onde podemos treinar a utopia de uma educação transgressora. Sem um rigor conteudista e temático, aprendi sobre Saúde Coletiva na práxis da liberdade, fazendo a leitura consciente da teoria só durante o mestrado. Continuo em bando, desvendando esse lugar, e convidada para encontros mais breves, sempre que posso, compartilho do conteúdo comum: a história de nós mesma/os. Congregando a possibilidade de multiplicar novas experiências, que o convite foi estendido para participar de dois encontros extraordinários no segundo semestre do ano de 2022, com estudantes de uma pós-graduação em biofísica. Esse texto são escrituras que entrelaçam essas três experiências.

O princípio (referenciais), o fim (“objetivos”) e o meio (“método”): tudo ao mesmo tempo e no mesmo lugar

Aqui sigo pela ação movente, de uma narrativa plural que desconfigura completamente a objetificação do conhecimento, enquanto proposição só intelectual/mental. Mas uma ação sensitiva/orgânica articulada por testemunhos e memórias, da vivência da narradora e as histórias pertencentes à sua coletividade. Conceição Evaristo (2020) define escrituras como “um tipo de escrita que provoca fala, escrita e denúncia”.

Acabei de entrar para o doutorado, e fui logo sabendo que esse é um tempo que damos aulas de graça em um monte de lugares. Eu que tenho amado a educação desde a infância, só me reencontrei com sua formalidade acadêmica, de pouco tempo para cá. Para que faça sentido as duplas ou triplas jornadas, valorizo os encontros como possibilidade integral de uma experiência da práxis da vida, como a própria teoria. Isso justifica cada leitura proposta na pós graduação, dentro de uma premissa hooksiana. No encontro com as avaliações de final de semestre, percebi a “potência” libertadora da re-construção da identidade, como princípio de resistência na educação acadêmica:

...ela pediu que todos nos apresentássemos, após já termos feito pela manhã. Contudo, quando se apresentou, ela deu um pouco de sua vivência e experiência de vida, o que fez com que os outros alunos da disciplina também fizessem o mesmo: isso fez com que conseguíssemos ouvir um pouco mais das experiências pessoais de cada um, seja com a academia, seja com a família, seja com a ciência...

(estudante, 1)

Fui convidada para participar de um curso livre, para estudantes da pós-graduação de um Instituto de Biofísica em uma Universidade Federal, e posteriormente, da 11ª edição da disciplina Filosofia e História da Ciência. Para além do programa que eu fiz o meu mestrado, nunca tinha partilhado em um outro instituto com pessoas em nível de doutoramento. Confesso a preocupação responsável em ocupar um lugar com outras professoras e outros professores experientes, diante de um público, para mim, tão exigente. O tema da minha aula era “Da Anatomia Comparativa à Autonomia Corporal”. Ocupei duas horas dentro do planejamento geral que duraria 2 dias, intitulado Sambioses - O encontro entre samba, cultura e Ciência. E posteriormente na 11ª edição da disciplina articulada por uma professora do programa e pactuada com outras e outros educadores interdisciplinares, a fim de oferecer acesso a um conteúdo das ciências humanas, compartilhei o tema da minha pesquisa de doutoramento: A saúde e ciência das mulheres brancas e não brancas.

Além da expectativa amedrontada de ser aceita, isso não é algo que passe no nível da consciência em tempo real, (só consegui fazer essa leitura/reflexão ao escrever o texto, bem a posteriori), não fiz, ou antecipei

nenhuma imagem que me pudesse causar qualquer estranhamento ou comparação com o público que encontrei. Porém, o perfil das e dos estudantes muito jovens e tão especializados, e ainda a arquitetura dura de um auditório muito bem equipado, considerando os que eu frequentei durante minha graduação em saúde na mesma instituição, me fez alterar o rascunho do meu planejamento inicial para aula:

Logo no começo nós nos apresentamos e falamos um pouco sobre nossa história e quem somos fora da academia. Esse momento foi muito significativo pra mim, pois consegui me sentir à vontade pela primeira vez em um ambiente acadêmico, em uma disciplina, para falar que pertencço à comunidade LGBTQ+ e meus posicionamentos políticos e pautas identitárias. Acredito que os outros alunos também se sentiram igualmente à vontade pois a discussão teve um caráter bem intimista. Em seguida fomos para a churrasqueira e tivemos uma prática de relaxamento corporal bem agradável.

(estudante, 2)

Embora eu não soubesse que o intento da coordenadora fosse propor um relato sobre o encontro de dois dias, fiquei surpresa o quanto a maioria das e dos estudantes tinham valorizado e se sentido acolhidos, ao serem convidada/os a falarem de si. E ainda o esforço no exercício de liberdade também transbordados para a forma de suas escritas.

...abriu sua fala na roda Filosofia, Saúde e Corpo comentando que todos que estavam ali (auditório do IBCCF) traziam “um corpo”, além do físico que estava ocupando uma cadeira naquela tarde. A princípio pode parecer meio “obvio” para o olhar dos alunos, mas esclareceu que o conceito de “corpo” mencionado estava mais próximo da vivência de cada um. Logo em seguida pediu para todos se apresentarem, contudo, pela manhã todos já tinham se apresentado com nome, linha de pesquisa, professor orientador e outros detalhes acadêmicos convencionais que já temos nosso roteiro mental para apresentar em toda disciplina que se inicia. Então, tudo bem e tranquilo de início, mas esse não era o “corpo” que ela queria. Na tarde do dia 27 de junho, parafraseando ela, seria um desperdício tanta gente reunida, com diferentes experiências, origens e visões de mundo reunidas e não se conhecerem além do mero “roteiro de apresentação de disciplina”. Nesse momento por alguns minutos, até chegar minha vez de apresentar meu “corpo” para os colegas, uma angústia e ansiedade me tomaram, resultado da timidez e da sensação de despreparo, já que não tinha mais meu “roteiro de apresentação acadêmica”. Que “danado” eu falaria para todos ali? Ainda mais sobre mim? Então todos começaram a se apresentar, lentamente com calma, detalhes e profundidade, mas era nítido que a sensação de sair da zona de conforto não estava somente comigo, a maioria demonstrava sinais de nervosismo. Em um lapso indaguei: como é possível que todos tenham dificuldade nessa atividade “simples”, que até uma criança em um parquinho poderia se apresentar para seu coleguinha que acabara de conhecer? Seria a pandemia? O ambiente acadêmico? Até agora não tenho a resposta para essa simples pergunta. Antes mesmo de terminar meu devaneio o microfone chegara a minha mão. Sem roteiro fiz como uma criança efetuar a se apresentar no seu primeiro dia de aula.

(estudante, 3)

Precisei lidar com a estranheza que me podia ter capturado, principalmente pelo autojulgamento, quando diante de uma plateia tão distinta à minha história de vida, me senti capturada simultaneamente por **afecção e afeto**⁵.

5 A Afecção (*affectio*) remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante, ao passo que afeto (*affectus*) remete à transição de um estado a outro, tendo em conta a variação correlativa dos corpos afetantes. (DELUEZE, 2002, p. 56)

Diante de estudantes jovens brancos, em sua grande maioria sem letramento racial, a maioria advindos de famílias cultas, partilhei rapidamente minha condição subalterna⁶(SPIVAK, 2010), uma mulher negra filha de operários autônomos semianalfabetos. O pai caminhoneiro e a mãe costureira que só sabiam ler e escrever, e minha entrada na universidade pública para a graduação, só aos 43 anos de idade.

A princípio, tinha pensado em várias possibilidades para o encontro, inclusive uma proposição performativa (no sentido da incorporação consciente da obra como “potência - um agenciamento de suas próprias forças a partir do exercício da liberdade e do agir” no corpo, enquanto ato político (FRANCO, 2015)), como uma corporalidade de conceitos da partilha que gostaria de fazer. Mas decidi não me pôr no centro, em vez disso, tentar trazer os corpos das e dos jovens cientistas, com média de idade de 26 anos, para o centro dela/es mesmos. Porém fui surpreendida para além, quando me reconheci em corpo estranho tanto na temporalidade, quanto na identidade de raça/cor e ainda na diversidade de minha formação crítica/cotidiana/vivencial e acadêmica. Eu fisioterapeuta, doula e performer, elas e eles em sua grande maioria biólogos, e toda/os cientistas em pesquisas com práticas em laboratórios. Quando perguntei se toda/os se conheciam, já que estudavam/trabalhavam junta/os, uma percepção de estranhamento seguida da expressão corporal na resposta foi mais incisiva para minha compressão, que as próprias falas. Inverti o planejamento inicial de acionar seus corpos através de uma oficina de educação somática⁷, para então trazê-los para um exercício mais cognitivo/memorial; e provoquei uma partilha de suas identidades pela exposição consciente da minha história, afinal quem eram elas e eles fora das suas habilidades acadêmicas?!

Não sei nomear o conceito que gerou uma modificação na organização intelectual inicial do encontro, se a “paixão de dentro” gerada pela construção de uma identidade como resistência, ou se “a paixão de fora”, em resposta à percepção de pessoas constituídas de um conhecimento aprimorado na anulação de suas identidades. Mas ter tido contato com as leituras, onde o ato testemunhal podia transitar o ambiente acadêmico como também um fazer científico integral, foi a “potência” capaz de me manter em liberdade e poder propor algo para elas e eles, completamente inusitado.

A pergunta feita não apenas nos fez dizer o nosso nome e o curso que estávamos matriculados, como também desencadeou emoções e memórias profundas. O entendimento do ser como algo que ocupa um corpo que pode assumir e desempenhar múltiplas funções, nos possibilitou entender que antes de assumirmos o papel de estudante universitário, já eramos alguém que transitava em outros espaços desempenhando outros papéis. E nesse processo de trânsito de espaços, carregamos no nosso corpo as marcas das vivências e aprendizados que tivemos ao protagonizar cada um desses papéis. Ao pensar na resposta para a pergunta: “O que você é além da universidade?”, compartilhei sobre as minhas vivências, como ser a primeira pessoa da minha família a ser formar em uma universidade pública e ter ultrapassado várias barreiras como alguém que saiu de um município da Baixada Fluminense para a capital para ter a oportunidade de fazer faculdade. Esse momento de partilha de vivências trouxe a oportunidade de praticar a escuta e a atenção sobre a nossa existência dentro do espaço universitário, para além da demanda de tarefas e preocupações com os prazos.

(estudante, 4)

Eu que contava com o fato de que o aprendizado nem sempre se dá no tempo do presente, me habituei dirigir a oferta segundo as lacunas do núcleo duro da formação em saúde, lugar em que atuo há mais tempo. Baseada nas deficiências e dificuldades de bons encontros na clínica, já percebo com esperança a possibilidade de uma mudança. Nas ofertas propositalmente construídas de auto-avaliação do projeto que colaboro com

6 Para Spivak esse termo descreve as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante (2010, p. 12)

7 Conceito cunhado em 1983 inicialmente por Thomas Hanna, como arte e ciência de um processo relacional interno entre a consciência, o biológico e o meio ambiente, agindo em sinergia (1983, p. 7).

uma quantidade maior de encontros durante o semestre, as **potências ativadas** por uma **pedagogia crítica e engajada**, trouxeram também para o centro da roda a **ciência intuitiva** de Spinoza. Ou seria a práxis da experiência pela possibilidade de um conhecimento constituído dos modos complexos da vida, mesmo quando não se distingue racionalmente suas obtenções, em hooks?

A maneira que vocês descontroem o ensino, me fazem valorizar esse trabalho.

Um espaço onde tem lugar para o corpo abaixo da cabeça

Onde posso sentar de qualquer jeito, no chão, tirar os sapatos dos pés

Faltou tempo

Pra me reconhecer de novo

Tempo pra me escutar

Tempo para me reconectar

Sentir.

Mas senti, quando tive que parar

Que ainda posso voltar, a qualquer momento,

pra mim

Lugar de onde não gostaria de ter saído

Mas o corpo também é mais

Do inconsciente que desconheço

Não somente na selvageria do pensamento

Mas da candura e latência da alma

A cabeça se cala, o corpo sente

Me torno um indivíduo coletivo,

Ser que é mundo, ser que é pó.

Não consigo mais ver corpo, no organismo só

A ocitocina tá nos olhos fechados

Na energia que o corpo reconhece se cercar

A adrenalina se faz nos movimentos de

Alma acelerada e da mente leve

Cuidam de mim e eu cuido em troca

A propedêutica está sendo construída aqui.

(estudantes de medicina do LEAP⁸, 2º semestre 2022)

De fato, talvez o que haja de tão difícil em mediar nas palavras, caibam nas outras linguagens, as quais os textos não dão conta de registrar. Dessa vez o relato foi vivo, em tempo real sem ser mediado necessariamente por um texto descritivo e entregue como prova de um exercício disciplinar cumprido. Durante nosso encontro, além de poesias, danças, compartilhamento de músicas, impressões, cânticos de capoeira vieram à tona. Nem sempre a razão tão explorada para o aprendizado de teorias conceitos e ou tecnologias para a clínica, terão lugar para testemunhar o sítio arqueológico do aprendizado.

Parece que na liberdade de poder revirar nossos escombros, incorporados também nas inter-relações

8 Laboratório de Estudos em Atenção Primária da UFRJ.

inconscientes como **potência de resistência**, ocupada/os num processo plural, é que se constrói outros espaços-extensões nos que se reconhecem, podendo acionar as sabedorias dos povos nativos, e ainda os que em diáspora se mantem fora e dentro, em um processo de transmigração⁹. Para Beatriz do Nascimento por exemplo, o fenômeno do quilombo (RATTS, 2006, p. 59) está para além do tempo e espaço, e ainda se desloca junto a identidade plural que sobrevive no inconsciente da/os negra/os e da inteligência brasileira. Então, é no chão do *zap*, quando uma jovem recém-formada médica, que esteve por anos frequentando os encontros, em um impulso generoso, compartilha que já faz o uso das tecnologias do aprendizado, que concluímos de fato a possibilidade de uma propedêutica apreendida no próprio encontro de si e da/o outra/o:

Oi, gente!

Hoje eu conheci a dona Maria. Era o nosso primeiro encontro, estava ajudando a médica da Equipe ao lado, ainda lotada de pacientes às 17h20.

Era uma senhora negra, gentil, com olhos doces. Veio mostrar a biópsia do carocinho da mama que tava crescendo muito rápido. Agora tava do tamanho de uma bola de pingpong.

A notícia era carcinoma ductal invasivo de mama.

Lembrei do último encontro do PINC¹⁰ que vivemos juntos.

Ela pôde chorar em paz, a porta do consultório tá aberta. Fiz as burocracias depois que ela saiu.

Muito, muito obrigada mesmo.

Esse trabalho não tem paralelo na humanidade. Eu sou muito, muito melhor por causa de vocês.

Saudades

"Arte-culações entre saberes"

Ainda precisaremos de muitas "arte-culações" para re-aproximar o conhecimento adquirido para além das disputas conceituais. Assim como a organicidade de um aprendizado que se adquire comungando singularidades, sem que se tenha que excluir as tecnologias nativas, agregadas ao modo de ser e sentir, "sem vergonha" de nossas bricolagens históricas. Revisitar a valorização da identidade multicultural ladino-amefricana, definida por Lélia Gonzales nos anos 80, como resistência ao apagamento dos povos originários, incluindo as influências indígenas e africanas para além das ibéricas.

Um exercício repetitivo e continuado, onde teremos que rever glossários, até que os saberes expropriados, sejam re-incorporados tanto em nosso vocabulário, quanto em nossa ética de vida. Romper limites territoriais, linguísticos e ideológicos que ainda insistem em permear nossas escritas. Uma sugestão do líder quilombola e escritor Antonio Bispo dos Santos (2015), é o uso do termo **pindorâmico**, nome dado a terra pelos povos Tupis para referir aos povos originários, em substituição do termo indígena. Para Bispo, nomear o "descoberto", é uma das principais ações do colonizador, para desumanizar, coisificar, retirar a potência através da quebra da identidade.

Logo, uma proposição que reconhece uma bio afropindorâmica, como essência constitutiva de uma Ética da Vida, movida pela inteligência sutil com valores que não desloca a pessoa da terra e de suas crenças baseadas nos saberes adquiridos pela presença ancestral e espiritual, pode ajudar a reorganizar a experiência. A experiência, imprescindível frente a teoria da aplicação dela, por mais bonita, sedutora e científica que

9 Termo cunhado pela autora relativo corporeidade negra conectadas às experiências de pessoas pela coletividade étnica-racial a qual se sentem pertencente.

10 Projeto de Iniciação Científica.

ela, a teoria, possa parecer. Abrir-se para pôr-se em roda, onde tanto a paixão de dentro, quanto a de fora, seja uma práxis gentil e consciente que nos façam ser da outra, ou do outro, um ativador da potência da vida. Formandos e formadores de uma ciência/cientistas, que não seja tão universal que exclua seu principal objetivo, o de encantar a nós mesmas/os, sem medida, à medida que somos a própria ciência. Sim, uma Ciência Amefricana fundamentada por uma Bio-Ética Afropindorâmica: - transversal, multidisciplinar e descolonizadora, sempre em movimento. Centrada na experiência intuitiva da vida.

Agradecimentos

Aos estudantes da 11ª edição do curso de Filosofia e História da Ciência, do Instituto de Biofísica da UFRJ. Aos colaboradores do Sambioses - O encontro entre samba, cultura e Ciência. Aos estudantes do LEAP, edição PINC do 2º semestre de 2022. Vocês tornaram essa escritura possível.

Referências

- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas – a Infância*. São Paulo: Planeta Editorial, 2003.
- BENITES, Sandra. *Nheẽ, reko porã rã: nhemboea oexakarẽ*: Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional):o olhar distorcido da escola. TCC (Graduação)- Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- BISPO DOS SANTOS, Antonio. *Colonização, Quilombos: modos e significação*. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa - INCTI, 2015.
- CASTRO, Maria Teresa. *O Conceito de Conhecimento a partir do pensamento de Benedictus de Spinoza*. Revista Gonatus – Filosofia de Spinoza – Vol 1 , nº 1, 2007.
- COSTA, Suzana L. at XUCURU-KARIRI, Rafael. *Cartas para o Bem Viver*. Ed. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café paraLeLoI3S, 2020.
- DELEUZE, Gilles. *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- EVARISTO, Conceição. *A escritura serve também para as pessoas pensarem*. Entrevista em novembro de 2020. Por Tayrine Santana, Itaú Social.
- FRANCO, Túlio. *Trabalho criativo e cuidado em saúde: um debate a partir dos conceitos de servidão e liberdade*. Saúde e Sociedade, v. 24, n. Saúde soc., 2015 24 suppl 1, p. 102–114, abr. 2015
- FREIRE, Paulo. Prefácio. IN: MCLAREN, Peter; LEONARD, Peter; GADOTTI, Moacir (org.). *Paulo Freire: poder, desejo e memórias da libertação*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988ª.
- HANNA, Thomas. *Dictionnary definition of the word somatics*. Somatics, n. 4 (2), 1983.
- hooks bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.
- hooks, bell . *Tudo sobre o amor, novas perspectivas*. Trad: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

LAMA, Dalai. *Uma ética para o novo milênio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

MAGNO, M.D. *América ladina: Introdução a uma Abertura*. Rio de Janeiro. Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1981.

MARIZ, Silvana F. *Paulo Freire, bell hooks e a construção de uma pedagogia feminista crítica*. Revista Olhares, Guarulhos, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. *Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz*. Organizado por Alex Ratts e Bethânia Gomes. Salvador: Editora Ogum's Toque Negros, 2015.

PELBART, Peter Pál. *Vida Capital: Ensaios de Biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PRIGOGINE, Ilya at STENGERS, Isabelle. *A nova aliança: metamorfose da ciência*. Editora Universidade de Brasília. Tradução: Miguel Faria e Maria Joaquina Machado Trincheira. Brasília 1984.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. Trad. Deborah Weinberg. São Paulo: Odysseus Editora, 2003.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SPIVAK, Gayatri. C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina G. Almeida e Marcos P. Feitosa, André P. Feitosa. Belo Horizonte – MG: UFMG, 2014.

ULPIANO, Claudio. Vídeo-aula: *Pensamento e liberdade em Spinoza*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Cláudio Ulpiano, 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oBDEZSx6xVs> . Acesso em: 4 out. 2022.